

EPISÓDIOS SOBRE HOMOEROTISMO E DISCIPLINAMENTO NOS BASTIDORES DA ESCOLA

*Eixo Temático 19 - GÊNERO E SEXUALIDADE NA ESCOLA: NOVAS AMEAÇAS,
ENFRENTAMENTOS E POSSIBILIDADES DE RESISTÊNCIAS*

Gerlândia de Castro Silva Thijm ¹

RESUMO

Indaga sobre docência e diferença e procura a produção da performatividade homoerótica na experiência do ensino. Recorre ao pós-estruturalismo como teorização da diferença e à produção de uma escritura orientada e, por vezes, desorientada por entendimentos deleuzianos e foucaultianos. Trata de recortes, em episódios, sobre a experiência docente e sobre os atravessamentos dessa experiência por práticas atuais preconceituosas. Compreende que etiquetar e negligenciar não se assentam, apenas, como operações comuns no interior de conselhos. Estão presentes em cada micro espaço projetando micro poderes controladores e disciplinadores.

Palavras-chave: Homoerotismo, Episódios narrativos, Docência, Cotidiano escolar

INTRODUÇÃO

Experienciar, confabular definições e tramar discursividades na miragem dos estudos pós-estruturalistas motivam este trabalho, para, enquanto projeta devires, narrar o cotidiano heteronormativo de um docente gay, recorrendo, por vezes, às narrativas de formação e atuação.

A pesquisa tem este intento maior ao Indagar sobre docência e diferença e procurar, em narrativas, a produção da performatividade homoerótica no ensino. Todavia, aqui são trazidos recortes, em episódios, sobre a experiência docente em ambiente de trabalho e sobre os atravessamentos dessa experiência por práticas atuais preconceituosas e memórias de formação.

Na abordagem são apresentados eventos como reunião de conselho de Faculdade que “tratam” de disciplinamento de corpos e enquadramentos ideológicos ao discutirem “casos” de estudantes ou situações específicas. Como contrassenso, também se descreve outras reuniões,

¹ Professora Doutora em Educação do Curso de Licenciatura em Matemática - UFPA, gerlandia@ufpa.br.

como as do *happy hour* em que, depois de um dia exaustivo de trabalho, os docentes reúnem-se em lanchonetes para se confraternizarem e comentarem o dia de trabalho.

As tramas apresentadas são resultados fictícios que enredam enunciados reais, concretos, atualizados por uma constante e ousada confabulação com narrativas literárias.

METODOLOGIA

Há, aqui, aproximações com uma poética de escrita e aportes nas teorizações pós-estruturalistas, em diálogo com o pensamento *queer*, buscando contribuições da Análise das Práticas Discursivas foucaultiana para (des) ordenar o redemoinho discursivo. Considera certa autonomia na escrita e sopesa, como recomenda Kristeva (1984), que a linguagem poética se configura oportuno lugar da revolução e pode ser empregada com conotações de contenda política.

Extrapolando o domínio autoral de uma poética e parte de lugares intermitentes, não com metáforas ou outras figuras usadas a esmo, mas com metáforas ou outras figuras envolvidas com os fundamentos de uma poética que “não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade do mundo social no qual está inserido” (ALÓS, 2010, p. 843).

As lentes lançadas às narrativas são atravessadas por concepções de conhecimento como artifícios de lutas e desejos atravessados por discursos, subjetividades, (des)subjetivações, adiamentos e devires, forjando-se, como quer Deleuze (1997), enquanto criação de tramas rizomaticamente deslizando-se em diferentes direções, ao buscar o além-agora.

Organizadas em eventos, os episódios apresentados envolvem tramas reais costuradas com narrativas literárias e contadas como contos que, primeiramente, tratam de reuniões no conselho escolar e, em seguida, fora da escola em reuniões de confraternização.

REFERENCIAL TEÓRICO

Diferença e gênero são tidos como conceitos que passam por processos de históricos de significações. A partir dos estudos feministas e pós-estruturalistas compreende-se o gênero como construção social e cultural de masculinidade e feminilidade atravessadas por relações de poder, o que coloca em questionamento, e até exclui, referências às diferenças biológicas, dando visibilidade aos aspectos culturais. Louro (2014) sustenta que há uma dicotomia na relação de gênero que implica na contraposição de um polo da oposição binária a outro. Isso implica na

necessidade de se romper com o enraizado caráter heterossexual que estaria presente no conceito e revisar esta construção como historicamente situada.

Butler (2002) ao empregar o conceito de abjeção refere-se ao que foge à regra, como lugar da dessemelhança e da não identidade. No processo de construção de subjetividades a abjeção permite a construção de outros corpos – os não-civilizados.

As teorizações *queer* operam, por conseguinte, com o conceito de performatividade. Nesta reconfiguração, Butler (2002), em um esforço de desnaturalizar o sexo e o gênero, recorre às formulações sobre performatividade para compreender como a reiteração das normas de forma ritualística cria subjetividades

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A seguir, os resultados em episódios narrativos, partindo-se de enunciados e confabulações com cinema, literatura e outras manifestações.

Primeiro evento: Conselho

A significação de um Conselho escolar é o seu espaço de reunião. A reunião torna-se o evento mais importante daquele dia, principalmente porque ao se falar em disciplina vão se constituindo eventos que corroboram para atuação controladora do conselho. O exercício de poder sobre o corpo é a prioridade no conselho que procurava criar estudantes-máquinas e professores-máquinas, capazes de serem analisados e disciplinados submetendo-se a uma:

coerção ininterrupta, constante, que vela sobre os processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos (FOUCAULT, 1984, p. 164).

É difícil esperar do conselho operação diferente. Súcia de pretendentes a disciplinadores perversos pelo desejo de poder, por uma vontade de proibir, pela ambição de julgar e pela prerrogativa de decidir, *parlamento das Galhas* (PIVOVAR, 2002) que se amontoam em todo momento e exercitam um poder disciplinar de corpos, mentes e espíritos.

Sem pátria ou mátria autoral, os conselhos instituem episódios fictícios, descritos por ocorrerem nos corredores e nas salas, superficiais ao projetar perversas ocasiões cuja performatividade é imposta procurando-se confeccionar aparências padronizadas.

Na primeira sala, um docente ocupando a moldura homoerótica é assentado em processos de rotulação e disciplinamento, pois se espera que tenha maiores destrezas artísticas e que, por isso, deva dar conta dos eventos festivos da instituição, aspecto bastante comum dentre as posturas normativas que atravessam a abjeção. Estas práticas “não somente ‘fabricam’ os

sujeitos como também são, elas próprias, produzidas (ou *engendradas*) por representações de gênero, bem como por representações étnicas, sexuais, de classe, etc.” (LOURO, 2014, p. 88).

Na próxima sala, olhares torcem para que o homoerotismo crie situações constrangedoras de assédios entre professores e estudantes. Questionam-se notas alegando-se que alguns foram beneficiados pela dita *orientação sexual* do docente e que este persegue, por exemplo, as meninas.

No terceiro episódio as lentes apontam a falta de compromisso do docente associando-a à diferença de gênero, como se esta característica profissional tivesse qualquer relação com o homoerotismo. No julgamento atribui-se à condição de carência emocional/afetiva a um docente mais exigente ou rigoroso quanto às atividades pedagógicas da disciplina que ministra sugerindo que a falta de parceiros ou de atividade sexual possa interferir no seu humor.

Há, ainda, um processo de especulação quando o professor não segue o estigma de conquistador das alunas, pois, mesmo que não seja visto ou rotulado por meio da alcunha da diferença de gênero, está assumindo uma postura “duvidosa”.

De outro ponto de vista, um contraponto, nos discursos postos em circulação, o docente, nos enunciados chamado de “homossexual”, é tomado como alguém de maior competência que os outros, uma vez que apresenta atributos profissionais feminilizados e comuns à performatividade para o que se considera feminino, como a pontualidade e a organização.

Por essas características é o Conselho uma congregação diabólica onde conspiram uns contra os outros. Ambientes sem alegria, onde o único gozo é o de padronizar, organizar, classificar. Espaço de enfermos guardiões de uma sabedoria secular, universal, tosca e maléfica:

Os Éforos, sacerdotes dos antigos deuses, porcos bastardos, mais criaturas que homens, criaturas que até mesmo Leônidas deve subornar e implorar. Nenhum rei (...) foi para uma guerra sem a bênção dos Éforos (...). Velhos místicos, inúteis (...) restos de uma tradição insensata (300...2006).²

Dia abstruso. Praga do apocalipse, corrosão destrutiva, para esquecer, distanciar-se e afogar-se no absinto.

Segundo evento: do Conselho à reunião no happy hour

Na produção dos enunciados e circulação dos discursos continua a hibridização da narrativa ora docente, ora fictícia ora mista e sem dualismos.

² Narrativa de David Wenham como Dilios, narrador-onisciente do filme *300*. filme norte-americano produzido a partir da história em quadrinhos de mesmo nome de Frank Miller acerca da Batalha das Termópilas. A alusão aos Éforos ocorre por estes serem os antigos sacerdotes de Esparta, membros de um conselho de cinco, eleitos anualmente.

Depois de um implexo dia, sair com os colegas para um restaurante no final da tarde apraz como um tentador convite. Talvez não um convite, mas uma rotina que se instaura a cada reunião do conselho como uma espécie de confraternização por ter sobrevivido a uma longa e desgastante jornada digna dos liceus.

No banquete tem-se de tudo: desde maldições, reclamações, desabafos, injúrias, confabulações, inquisições até às brincadeiras que fazem circular discursos convencionalistas, aviltamentos, dentre outros prazeres que o escárnio e a abjeção incitam a produzir.

Bruscamente ouve-se um esbravejar: – Não, mas não podes falar disso, por que não gostas de mulher. Não sabes o que é isso! Só gostas de homem, só gostas de macho.

São posturas, gestos e linguagem que denotam agressividade, principalmente porque ninguém vai dizer para um hetero: – Não podes falar de gay, porque não és gay!

Mas parece que o inverso é caricato, é estigmatizado que às vezes acaba sendo uma ofensa que deixa poucas opções, a não ser sair na “esportiva” e dar uma resposta brincando: – Pelo menos provei os dois lados e tu tens que provar o outro lado para dizer se és gay ou não.

Rodadas de carne de sol, bronzeada e succulenta; rodadas de salada verde, com pepinos e berinjelas, larvas verdes e olhos azuis; rodada de espetinhos com lombinhos suínos e de cobras e libélulas; asinhas de morcego e carcará; rodadas de peixe assado com escamas de dragão para não grudar na grelha; rodada de feijoada com bucho de tubarão algoz, todos servidos com a mais elegante etiqueta *viking*. Magos e feiticeiras temperam do seu jeito o banquete:

PRIMEIRA BRUXA - Atirai no caldeirão entranhas em podridão. Os sapos das pedras frias que durante trinta e um dias suaram seu bom bocado, jogai no pote encantado (...). SEGUNDA BRUXA - Lombo de cobra novinha, atirai no pote asinha, pé de sapo e lagartixa, de cão a língua que espicha, pelos brandos de morcego, asa de bufo-sossego, de lagarto a perna fina, acúleo de colubrina jogai na sopa do mal nesta mistura infernal (...) TODAS - Mais dores para a barrela, mais fogo para a panela. SEGUNDA BRUXA - Esfriai com sangue de mico que o encanto ficará rico. (...) (SHAKESPEARE, 1954. p. 94/5).

Conversa, ora desagradável, ora produtiva, não se digere: não se traga a comida de uma só vez; não se serve frio o prato do desagravo; não se brinda com talheres; não se corta sem sangrar; não se morde sem rosnar; não se caçoa sem ter graça; não se embebeda sem a malvada. Mas se consegue inebriar.

Da bebedeira, a maioria com suco e refrigerante, discursos foram produzidos; inebriaram-se os sentidos, alegres *vikings* começaram a trocar como em um seriado de TV; xingaram-se; alteraram-se; abraçaram-se cantando versos confusos e sem rimas. Saíram d’ali, como se de um exorcismo: sem demônios, sem dragões, sem opiniões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Exercita-se, nos espaços escolares, como os de reuniões, etapas do aparelhamento e efetivação do trabalho pedagógico contidas no controle da discursividade que se faz circular sobre este lugar, mesmo considerando que na docência exista a necessidade de se assumir os mais variados propósitos, como o desenvolvimento da pesquisa e de toda a organização do trabalho pedagógico.

Denota alegar que estes diferentes momentos estão atravessados por olhares ou perspectivas distinguidas quanto ao desenvolvimento destas atividades envolvendo polêmicas em torno do homoerotismo e exigindo performatividades pautadas no moralismo ou, por outro lado, forjando identificações heteronormativas.

São discursos diferenciados que aprisionam e rotulam os corpos no circuito, por exemplo, da cientificidade, subsidiados por práticas e agenciamentos de controle que mascaram as possibilidades subjetivas de se experienciar a docência e transitar por diferentes adjetivações na busca de se traçar outras marcas.

Esses discursos transpõem os muros da escola, não somente por abordarem práticas de vida cotidianas, mas porque estão presentes fora, fisicamente falando, dos muros que cercam a instituição, fixando-se em momentos que não se remetem às práticas educativas próprias da escola.

No entanto, etiquetar, apresar, impedir e negligenciar não se assentam, apenas, como operações comuns no interior de conselhos: espaço de reuniões, avaliações e planejamento onde se projeta e opera a educação. Estão presentes em cada micro espaço projetando micro poderes controladores e disciplinadores.

Ao mesmo tempo em que se projetam, tornam-se visíveis e, portanto, capazes de serem problematizados e repudiados.

REFERÊNCIAS

300. Direção: Zack Snyder. Produção: Gianni Nunnari. Intérprete principal: Gerard Butler. Roteiro: Zack Snyder. Estados Unidos: Warner Bros. Pictures, 2006. (117min).

ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética *queer*. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 18(3): 837-864, setembro-dezembro/2010.

<https://www.scielo.br/j/ref/a/qct6T7rqY7HDJyXkZwBhJdp/?format=pdf&lang=pt> Acesso em 19-07-2022.

BUTLER, Judith. Criticamente subversiva. In: JUMÉNEZ, Rafael M. Mérida. **Sexualidades transgressoras**. Uma antologia de estudos queer. Barcelona: Icária Editorial, 2002, p. 55 a 81.

DELEUZE, Gilles. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia** Volume 4, Rio de Janeiro, Editora 34, pp. 18-19. 1997.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

KRISTEVA, Julia. **Revolution in the Poetic Language**. New York: Columbia University Press, 1984.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, 16ª edição. RJ: Vozes, 2014.

PIVOVAR, A. O parlamento das gralhas. **Educar**, Curitiba, n. 20, p. 87-105. 2002. Editora UFPR. <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/2100> Acesso em: 01-05-2022.

SHAKESPEARE, William, **Macbeth**. Ato IV, Cena I. 1954.